

Fernando Molica

O futuro papa e a ironia de Stalin

Os 133 cardeais que se reúnem a partir de hoje na Capela Sistina têm um desafio muito maior do que escolher o sucessor de Francisco, o de responder a uma ironia feita há 90 anos pelo soviético Josef Stalin ao questionar o tamanho do poder da Igreja Católica. “Quantas divisões tem o papa?”, perguntou o ditador numa referência ao fato de o Vaticano não ter exército.

A falta de capacidade bélica foi, ao longo dos séculos — dois milênios —, compensada por uma mistura de poderes políticos e religiosos que transformavam o papa numa referência fundamental para praticamente tudo no Ocidente. Nas últimas décadas, porém o “Roma locuta, causa finita” — o papa falou, tá falado — perdeu muita importância.

Abalada pelas sucessivos conflitos mundiais, especialmente em solo europeu, e por omissões como no caso do massacre de judeus pelos nazistas, a Igreja Católica tem reagido mal a desafios da modernidade. É compreensível que se posicione contra o aborto, mas tropeçou em temas como divórcio, sexo antes do casamento, pílulas anticoncepcionais, uso de

camisinha para prevenção à aids, fim do celibato de religiosos, empoderamento de mulheres, aceitação de homossexuais.

Pior de tudo para o Vaticano: suas opiniões e interdições passaram a ser cada vez menos levadas em conta. Certamente ainda há aqueles que temem a danação eterna por descumprir alguns desses preceitos, os que ainda carregam a culpa por descumpri-los, os que descontam em inocentes as consequências da negação do corpo e de seus desejos; mas, em geral, as determinações romanas perderam muito peso.

A comprovação de inúmeros de casos de tolerância com abuso sexual de crianças expôs de vez a contradição de uma Igreja que, mesmo admitindo-se pecadora, cobra uma impossível santidade de seus fiéis. É fácil se dizer católico, o complicado é seguir as determinações papais (como dizia o escritor e ex-seminarista Carlos Heitor Cony, ser católico não é para quem quer, mas para quem pode).

Ao longo de seu pontificado, Francisco buscou arejar o ambiente romano, mostrou-se aberto a características humanas, às imperfeições que nos caracterizam. Mas es-

teve longe de ser uma unanimidade até mesmo dentro de uma Igreja Católica que parece perdida entre os apelos da modernidade e o crescimento de um fundamentalismo religioso estimulado por questões econômicas, políticas e culturais.

Centralizada em torno de um homem que considera ungido pelo Espírito Santo, a Igreja Católica demonstra ser incapaz de concorrer com denominações evangélicas que se reproduzem de maneira incontrolável, capazes de se adaptar às variadas exigências de seu público-alvo. Um católico não pode trocar de papa, protestantes não têm qualquer problema em mudar de igreja e de pastor, um privilégio bem mais adequado ao individualismo dos novos tempos.

A centralidade da figura do papa impõe limites à atuação do pontífice da vez. Cada gesto ou fala precisa ser medido para evitar reclamações de um lado ou de outro. Esse tipo de cuidado, típico do universo político, é contraditório com a ideia de infalibilidade do homem que veste branco, acaba reforçando o questionamento à sua suposta santidade.

Volta e meia Roma é co-

brada por eventuais excessos do Concílio Vaticano II, por supostos descaminhos na busca pelo “aggiornamento”, tentativa de uma maior sintonia com o mundo. João Paulo II tratou de dar um freio de arrumação no que considerava excessos: aqui na América Latina, sua férula (aquele bastão alto) serviu de cassetete na repressão à ala mais à esquerda.

Nem ele, porém, escapou da necessidade de ser dúbio: cobrado por seus gestos contra a Teologia da Libertação — que usa elementos marxistas na leitura bíblica —, ele apelou para um jogo de palavras, alegou que o papa não podia ser contra o papa.

Hoje, cardeais do mundo inteiro repetem a missão impossível de tentar encontrar alguém capaz de conciliar determinações que consideram divinas com a realidade de pessoas cada vez mais voltadas para seus próprios interesses e donas de suas vontades.

Numa ironia, a União Soviética consolidada por Stalin foi tragada pela história, apesar das muitas divisões de seu poderoso exército. Neste caso, a Igreja Católica riu por último, continua viva, mas sabe que seu campo de manobras é cada vez mais restrito.

EDITORIAL

Doação contra discriminação

A ação Diversidade pela Vida, promovida pelo coletivo Distrito Drag em parceria com o Hemocentro do Distrito Federal, representa mais do que uma campanha de doação de sangue: é um símbolo de conquista social e um passo importante na consolidação de direitos da população LGBTQIA+. O evento, que ocorre nesta quinta-feira (8), marca os quatro anos da decisão histórica do Supremo Tribunal Federal (STF) que derrubou as restrições discriminatórias à doação de sangue por homens que fazem sexo com homens (HSH) e por outros grupos da comunidade LGBTQIA+.

Até 2020, as normas técnicas do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) impunham uma abstinência sexual de 12 meses a HSH antes da doação — uma regra considerada arbitrária pelo STF, que a julgou inconstitucional por reforçar estereótipos e não se basear em evidências científicas. Desde então, todos os doadores, independentemente de orientação sexual ou identidade de gênero, passaram a ser avaliados pelos mesmos critérios: saúde geral, comportamentos de risco recentes e exames de triagem.

A iniciativa do Distrito Drag é louvável por combater o estigma e

incentivar a participação de LGBTQIA+ em um gesto solidário essencial para o sistema de saúde. O Hemocentro de Brasília abastece hospitais públicos e instituições como o Hospital da Criança e o Instituto de Cardiologia do DF, onde cada bolsa de sangue pode salvar até quatro vidas. Apesar disso, os estoques de hemocentros no Brasil estão frequentemente abaixo do ideal, tornando campanhas como esta fundamentais.

No entanto, persistem desafios. Muitos LGBTQIA+ ainda desconhecem que podem doar ou temem discriminação durante o processo. Além disso, parte da sociedade resiste à mudança, alimentando mitos infundados sobre a segurança do sangue doado por essa população. É preciso reforçar que a triagem rigorosa — que inclui testes para HIV, hepatites e outras doenças — garante a qualidade do sangue, independentemente de quem o doe.

A data de 8 de maio deve ser lembrada não apenas como vitória jurídica, mas como um convite à reflexão sobre preconceitos enraizados. A doação de sangue é um ato de cidadania, e excluir grupos inteiros com base em orientação sexual era, como definiu o STF, uma violação ao princípio constitucional da igualdade.

‘Cinema Inflável’ chega hoje a Brasília

É de conhecimento geral que o cinema deveria ser uma das artes mais democráticas de todas. Porém, infelizmente, os preços que envolvem assistir um filme estão cada vez mais altos. Por conta disso, ações e medidas que visem popularizar a ida a cinemas são mais do que bem-vindas, são necessárias.

Patrocinado pelo Nubank e pelo Ministério da Cultura, o “Cinema Inflável” está de volta às cidades brasileiras e, pela primeira vez, será realizado no Distrito Federal e em Goiás. O evento, realizado pela produtora D+3, exibirá filmes de diversos gêneros em espaços públicos de regiões com acesso limitado ao cinema. Com uma tela inflável de 10 x 6 metros, a iniciativa será gratuita, contará com distribuição de pipoca e terá capacidade de 800 pessoas por sessão. As primeiras cidades por onde o evento passará serão Ceilândia, entre os dias 7

e 11 de maio, e Vila Telebrasilândia, de 14 a 18.

Com apoio do Governo do Distrito Federal, o evento busca tornar a experiência do cinema ao ar livre mais acessível e fazer com que o público se apaixone ainda mais pela sétima arte.

O Cinema Inflável acontece no Brasil desde 2013 e já contou com 14 edições, todas em locais no estado do Rio de Janeiro, como Nova Iguaçu, Rio das Pedras, Guapimirim e Itaboraí. Após a temporada no Distrito Federal e Goiás, que contará com 12 edições de maio a setembro, o evento parte para a Bahia.

Dentre os filmes escolhidos estão sucessos como “Nosso Sonho”, “Pantera Negra”, “Viva, A Vida É Uma Festa”, “Milton Bituca Nascimento”, “Saneamento Básico, O Filme”, “Barbie”, “Moana 2” e “Estrelas Além do Tempo”.

É uma chance de ouro.

Vicente Loureiro*

O futuro das cidades está no centro

Recentemente, a CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) lançou um documento intitulado Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais, com o objetivo principal de sensibilizar governos e empresas para a necessidade de promover um grande esforço nacional visando à requalificação dos centros urbanos e à recuperação de edifícios nas grandes cidades. A partir de experiências exitosas em curso no Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Luís, o estudo destacou desafios, oportunidades e a complexidade presentes em iniciativas dessa natureza.

O deslocamento de atividades comerciais, institucionais e de prestação de serviços para fora dos centros, assim como o de moradores, tem, segundo o documento, causas semelhantes. A sensação de insegurança, as dificuldades de mobilidade, o aumento da população em situação de rua, os shopping centers, o comércio online e o trabalho remoto são fatores destacados como responsáveis pelo esvaziamento econômico e

populacional dos centros urbanos. A pandemia também contribuiu para esse declínio.

Apesar de, neste ano, comemorar-se o cinquentenário do calçadão de Curitiba, e de o tema da revitalização das áreas centrais frequentar a agenda política das principais cidades brasileiras desde meados dos anos 1980, só recentemente vêm sendo obtidos resultados concretos e animadores de reversão do esvaziamento de alguns centros urbanos. Ainda é difícil, porém, conter a tendência expansionista das cidades rumo às periferias. Enquanto isso, segundo o documento da CBIC, cerca de 3 milhões de pessoas deixaram de viver nos centros.

É inegável que, nas áreas centrais, as pessoas têm mais possibilidades de acesso à infraestrutura e aos serviços públicos, além de mais chances de obter emprego ou renda. Vivendo nelas, também se reduzem as necessidades de deslocamentos e todos os seus impactos. O documento da CBIC, a partir das experiências avaliadas, tenta

demonstrar que é necessário pensar diferente para se obter resultados diferentes e efetivos. Acreditar, de fato, que as cidades podem se reinventar.

Os processos de revitalização urbana nas cidades citadas no estudo apontam importantes barreiras no esforço de tentar revigorar suas áreas centrais: a falta de uma legislação que permita a conversão de uso para residencial em condomínios estabelecidos; a necessidade de adequação dos planos diretores, dos códigos de obras e de algumas normas técnicas; e a dificuldade de se obter financiamento para retrofit, configuram os principais gargalos a serem destravados.

O documento destaca ainda a importância dos incentivos fiscais e urbanísticos na atração de investidores para as áreas centrais decedentes — em alguns casos, estigmatizadas. É necessário, segundo os testemunhos dos líderes dos projetos de revitalização em destaque no estudo, transformar a recuperação do centro principal

no novo vetor do mercado imobiliário, contendo sua expansão para as periferias. Ter senso de urgência na implantação dessa diretriz é imprescindível.

Segundo o estudo, o centro principal das cidades médias e grandes deve ser um lugar bom para morar, trabalhar, fazer negócios, consumir, obter serviços, se divertir, encontrar pessoas, circular e flunar nas horas vagas. Para tanto, é imperioso aumentar a densidade de ocupação de seus espaços, tanto de forma permanente quanto transitória, utilizar plenamente a infraestrutura e os equipamentos públicos nele instalados e fazer da Cultura a impulsionadora dos negócios.

A receita para a resignificação das áreas centrais está dada. Os resultados concretos começam a aparecer. O que continua em falta é a vontade de fazer acontecer.

***Arquiteto e urbanista. Autor dos livros “Prosa Urbana” e “Tempo de Cidade”**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PRISÃO DE GHANDI ACIRRA OS ÂNIMOS NA ÍNDIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de maio de 1930 foram: Prisão de Ghandi pelo governo britânico deve acirrar os conflitos na Índia para as vias miliares. Grevistas e política entram em colisão em Madrid e estudantes são feridos. STF suspende todos os habeas-corpus concedidos pelos juízes da Concentração Conservadora. Senado reelege a mesa diretora da gestão passada.

HÁ 75 ANOS: BRASIL E ITÁLIA ASSINAM TRATADOS COMERCIAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de maio de 1950 foram: Governadores da UDN confirmam participação na Convenção Aliada examina a queixa alemã sobre o Sarre. Brasil e Itália assinam novos tratados comerciais. Operários da Finlândia em greve.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhpress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.